

UEB BANDEIRA TRIBUZZI E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO- OBSERVAÇÕES PONTUAIS SOBRE ESTA PRÁTICA EM SALA DE AULA (RELATÓRIO).

Autora: Ana Tassira dos S. Ribeiro de Oliveira¹; Coautora: Letícia Rodrigues Lindoso²;
Orientadora: Professora Doutora Joelma Reis Correia³.

Universidade Federal do Maranhão- UFMA. E-mails: anatassiraribeiro@hotmail.com ¹; leticialindoso@hotmail.com ²; joelmareis1970@hotmail.com ³.

UEB BANDEIRA TRIBUZZI E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO- OBSERVAÇÕES PONTUAIS SOBRE ESTA PRÁTICA EM SALA DE AULA (RELATÓRIO).

Ana Tassira dos S. Ribeiro de Oliveira.

Acadêmica do curso de Pedagogia, 6º Período, pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA.

Letícia Rodrigues Lindoso.

Acadêmica do curso de Pedagogia, 6º Período, pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA.

Joelma Reis Correia.

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP;
Coordenadora de Estágio da Universidade Federal do Maranhão- UFMA.

Resumo:

A intenção deste trabalho foi, primeiramente, visualizar e pontuar questões importantes relativas a Alfabetização e, também, como se dá este processo nas escolas de Educação Básica. Faremos o relato da experiência vivenciada apenas em um dia (data desta observação foi 19 de abril, dia do índio), numa sala de aula com crianças de 1º ano da UEB Bandeira Tribuzzi, situada no Centro da cidade de São Luís- MA, regida pelo professor “João” que possui seis anos de docência, formação em Pedagogia, com experiência em turmas do 3º, 4º e 5º anos e vivendo, atualmente, sua primeira experiência como professor alfabetizador, as observações nesta escola foram possíveis, graças à disciplina Fundamentos e Metodologia da Alfabetização ministrada pela Professora Doutora Joelma Reis Correia e à gestora da escola que nos recebeu gentilmente.

Palavras-Chave: Alfabetização. Leitura. Escrita.

1- INTRODUÇÃO

A alfabetização é um assunto extenso e inesgotável por sua riqueza e dimensão. As crianças, antes mesmo de entrar na escola, pensam sobre a leitura e a escrita, já que letras e signos estão em todos os lugares: nas caixas dos brinquedos, na TV, nos desenhos animados, nas roupas, nos

rótulos, entre outros. Adentrar nesse mundo mágico da leitura e escrita requer muita sensibilidade por parte não só da escola, mas também dos pais, professores, alunos e sociedade; nesse contexto; estes atores devem formar parcerias buscando a interação entre eles – meio em que a escrita se revela.

A Alfabetização vai muito além da leitura e escrita, é uma ferramenta significativa na aquisição de diversos saberes e um propulsor para a formação crítica e cidadã. Frangela e Kramer (1999), afirmam que “a vida é marcada por ritos de passagem criados e instituídos socialmente. De todos os ritos, a entrada no mundo da escrita e da leitura, em geral, no período da alfabetização, é o primeiro e o mais marcante de todos”. E porque então esse momento é tão sonogado nas escolas públicas? Por que não realizar com as crianças atividades criadas, planejadas, pensando não só na decodificação da língua escrita, mas no sentido do quê ela está aprendendo? Esse cenário é real e necessita mudanças. Para Ferreiro (1996) a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

Neste trabalho, relataremos a experiência de um dia (19 de abril, dia do índio) numa sala de aula com crianças de 1º ano da UEB Bandeira Tribuzzi, situada no Centro da cidade de São Luís-MA, regida pelo professor “João” que possui seis anos de docência, formação em Pedagogia, com experiência em turmas do 3º, 4º e 5º anos e vivendo, atualmente, sua primeira experiência como professor alfabetizador, as observações nesta escola foram possíveis, graças à disciplina Fundamentos e Metodologia da Alfabetização ministrada pela Professora Doutora Joelma Reis Correia e à gestora da escola que nos recebeu gentilmente.

2- ANÁLISE DOS DADOS

Para quem nunca esteve antes numa sala de aula na posição de observador participante, essa experiência foi bastante válida e rica, tanto pelas vivências cheias de reflexões em consonância com o que foi aprendido na disciplina quanto pelas situações reais que nos levaram a visualizar limites e possibilidades na prática em sala de aula.

A rotina na escola observada é regida por tendências pedagógicas tradicionais; inicialmente, os professores, juntamente com os alunos, caminham para a sala de aula que dispõe cadeiras enfileiradas e alinhadas, e realiza a chamada por ordem alfabética. Em seguida, o professor escreve o “cabeçalho” no quadro com nome da escola, local e data para que as crianças “copiem” nos

cadernos. Depois de nos apresentarmos para a turma, o professor pediu que uma de nós lesse uma história para os alunos, e preparou o fundo da sala para esse fim. O brilho nos olhos e a atenção que os alunos deram a esse momento foi marcante: sentimos pela primeira vez o poder que a leitura exerce sobre o processo de alfabetização.

Após a leitura da história, o professor colou no caderno de cada um dos alunos a “família” das letras, mas em nenhum momento falou ou explicou do que se tratava para eles. Mais uma atividade: uma folha com um cabeçalho a ser preenchido e uma imagem de Monteiro Lobato. Em seguida, depois de entregar todas as folhas para os alunos, o professor retirou-se da sala e alguns alunos começam a colorir o desenho. Não sabendo o que era pra fazer com a folha, um aluno aproxima-se de nós e pergunta se é pra pintar o desenho. Respondemos que sim, mas refletimos muito sobre a atitude do professor naquele momento. Segundo Ferreiro (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. O que seria correto, na concepção de Ferreiro, seria se interrogar, “através de que tipo de prática a criança é introduzida na linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar (2000, p.30)”.

Sem ainda ter falado sobre o assunto com as crianças, o professor pede a nossa ajuda para medir a cabeça delas para colar uma espécie de “cocar” com uma pena de papel no centro, típico de muitas escolas nessa data comemorativa; importante enfatizar que o professor chamava o tempo todo o referido “cocar” de “gorro”. Em seguida, ele colocou músicas que fazem alusão ao índio, e ainda durante a preparação, as crianças ficavam correndo pela sala com o “cocar- gorro” na cabeça, sem saber o sentido daquilo. Sobre isso, Goulart e Souza (2015) são enfáticas: “Prescindir das teorias e trabalhar com “achismos” e improvisação são ações que indicam uma postura irresponsável e que não responde a nossas dúvidas e inquietações”.

No segundo momento, após o intervalo (num pátio estreito, escuro e sem estrutura adequada para comportar tantos alunos, onde a maioria fez o lanche em pé), o professor voltou à sala de aula com os alunos e os deixou dispersos por vinte e cinco minutos: sem aula, sem diálogo e sem atividade; pediu as agendas, observou cada uma pacientemente com ajuda da estagiária e não se deu conta de que os alunos estavam ociosos. Ora, “o ambiente contém uma dimensão simbólica, reflexo de objetivos, concepções e metas de quem o organiza” (Carvalho e Rubiano apud Ostetto, pág. 44)

Foram distribuídos bilhetes às crianças pedindo autorização dos pais para um passeio à biblioteca e outro avisando que não haveria aula em virtude do feriado de Tiradentes. Em seguida, sem qualquer explicação prévia, o professor distribuiu uma atividade impressa que tinha por objeto de estudo a letra “E” e que consistia basicamente em cobrir a letra “E” destacando-a das demais vogais.

Constatamos que além de copiarem tudo do quadro sem saber sequer o significado que estavam copiando, a maioria dos alunos não conhecem as vogais, alguns conhecem algumas letras e escrevem com auxílio do professor ditando letra por letra. Por exemplo: Uma das alunas veio até nós e perguntou o que era pra fazer e quando e quando apontamos as outras vogais ela não soube dizer quais eram; outra aluna sabia escrever o nome e ler sílabas, ou por estímulo da família ou por tabelas que trazem as “famílias silábicas de cada consoante”.

Sobre isso Ferreiro (1992, p.19) diz que:

A ênfase praticamente exclusiva da cópia, durante as etapas iniciais da aprendizagem, excluindo tentativas de criar representações para séries de unidades linguísticas similares (listas) ou para mensagens sintaticamente elaboradas (textos), faz com que a escrita se apresente como um objeto alheio a própria capacidade de compreensão. Está ali para ser copiado, reproduzido, porém não compreendido, nem recriado.

Sem saber o que fazer com a atividade, os alunos começaram a sair da carteira e procurar ajuda. A aluna “Flávia” então perguntou: “porque eu ganhei isso aqui?” (referindo-se ao cocar distribuído no primeiro momento e que foi chamado o tempo inteiro de “gorro” pelo professor), “quem é esse daí?” (ao olhar a foto de Monteiro Lobato da atividade anterior, que, assim como a atividade do segundo momento, não teve explicação alguma).

As crianças então cobriram e pintaram a letra “E” de “estrela”, recebendo auxílio do professor e da estagiária que pegaram na mão daqueles que não sabiam cobrir e, enfim, receberam uma tímida explicação do professor sobre a letra “E” que teve como base a atividade anterior sobre dia do índio; escreveu a palavra “índio” e “igreja” no quadro e embaixo de cada letra colocou o número correspondente a ordem da letra pedindo que os alunos dissessem em que posição estavam as letras que elas sequer conheciam. Uma situação desconcertante para nós que, ao estudarmos os fundamentos e metodologia da Alfabetização percebemos que os professores não dão o mínimo sentido e significado àquilo que tentam ensinar. A esse respeito Corsino pontua:

A escrita deve ter significado para as crianças; uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a

vida. Só então podemos estar certos de que ela desenvolverá não como um hábito de mãos e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem. (VYGOTSKY, apud CORSINO, 2011, p.246).

Então, utilizando um livro da coleção “Objetivo” do 3º ano do ensino fundamental para falar sobre o dia do índio, o professor começou a falar somente da letra “I” de índio e sobre o dia do índio; a atividade com a letra “E” ficou a margem da explicação e sem sentido algum para os alunos; o resultado disso, foram olhares perdidos diante de uma lousa cheia de signos sem nenhum tipo de importância para os alunos; o resultado foi a dispersão e inquietação dos alunos. Para Magda Soares (1999, p.33), “verdade é que reproduzimos, no Brasil, com atraso de quase 20 anos, modelos de educação compensatória”. Percebe-se também a falta preparo dos professores, fruto da falta de formação continuada e pesquisa. Contudo, Vygotsky enfatiza:

“A necessidade de investigações que procurem desvendar a gênese da escrita, o caminho que a criança percorre para aprender a ler e a escrever, particularmente antes que se submeta ao ensino sistemático desta linguagem na escola [...] A primeira tarefa de investigação científica é revelar essa pré-história da linguagem escrita; mostrar o que leva as crianças a escrever; mostrar os pontos importantes pelos quais passa esse desenvolvimento pré-histórico e qual a sua relação com o aprendizado escolar” (VYGOTSKY, 1984, p.121).

Quando o professor começava a explicar sobre o dia do índio fazendo perguntas como: “Quem sabe o que é um índio?”, “Quem já viu um índio”? Foi interrompido por uma funcionária da escola que pediu a ele que levasse os alunos para assistir um filme sobre os índios: “Tainá”. Após o filme, os alunos foram liberados, pois já havia encerrado o horário de aula.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na nossa breve vivência com a turma de 1º ano, percebemos que as crianças, por mais que estejam numa classe de alfabetização, não tem um contato diário com a leitura e a escrita. Prova disso é o espaço físico da sala de aula, que conta apenas com um calendário anual com alguns dias marcados e um cartaz referente aos aniversariantes do mês, não tendo, portanto, nenhuma produção dos alunos.

Observamos também, levando em consideração as concepções de Emília Ferreiro que: há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua

escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23).

Consideramos que a escola deva ser uma agência de leitura e escrita, principalmente no referido ano, pois essa não vivência do que representa o real sentido da língua escrita trás prejuízos ao aprendizado da criança ao longo de sua vida escolar e na vida também. Diante do exposto, chegamos à conclusão que o trabalho do professor alfabetizador deve ir além de pinturas ou preenchimento de cabeçalho pelas crianças. Devem ser criadas oportunidades para que elas vivenciem a leitura e a escrita considerando o que já sabem e o meio em que estão inseridas. Como vimos, é necessário que o professor considere as escritas do ponto de vista construtivo, representando a evolução de cada criança, é preciso haver uma reestruturação interna na escola com relação à alfabetização e também nas formas de alfabetizar.

REFERÊNCIAS

CORSINO, Patrícia. Professores de educação infantil e suas visões de letramento: tensões da prática. In: KRAMER, Sônia e ROCHA, Eloisa. (org.) **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas, SP: Papirus, 2011, p.246.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, E. TEBEROSKY. A. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1992, p. 19.

FRANGELA, Rita de Cássia Prazeres. Com a palavra a escrita! In: KRAMER, Sonia et al. **Infância e educação infantil**. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1999.

GOULART, Cecilia M. A; SOUZA, Marta Lima. **Como alfabetizar? Na roda com professoras dos anos iniciais**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

OSTETTO, L.E. (Org). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas. SP: Papirus, 2008.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola- uma perspectiva social**. São Paulo: Ática. 1999, p.33.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1984, p. 121.